


MEMÓRIA DO MEDO E CONSCIÊNCIA PREVENTIVA: O PAPEL DOS EQUIPAMENTOS DE PROTEÇÃO INDIVIDUAL DURANTE A PANDEMIA NA PERSPECTIVA DE TÉCNICOS DE ENFERMAGEM

 <https://doi.org/10.56238/arev6n3-225>

Data de submissão: 18/10/2024

Data de publicação: 18/11/2024

Amilton Alves da Silva

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8119-4588>

Maria da Penha Machado de Souza

Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0739-660X>

Fabiana Rosa Neves Smiderle

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5624-6673>

Tassiane Cristina Morais

Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local, Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória (EMESCAM), Vitória, Brasil
E-mail: tassiane.morais@emescam.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5101-2883>

RESUMO

As epidemias e pandemias têm afetado a dinâmica social mundial, no percurso histórico da humanidade, sendo a área da saúde a mais afetada. Este estudo teve como objetivo descrever as percepções dos técnicos de uma equipe de enfermagem quanto ao uso dos equipamentos de proteção individual na saúde (EPIs) no contexto pandêmico, trazendo a luz importantes discussões sobre segurança e vulnerabilidades no trabalho. Trata-se de um estudo qualitativo, realizado por meio de entrevistas com 16 técnicos de enfermagem atuantes em hospital filantrópico em Vitória, ES, Brasil. Os dados foram analisados por análise de conteúdo. A pesquisa foi aprovada pelo comitê de ética. Os resultados revelaram que, embora a grande parte dos profissionais nunca tenha sofrido qualquer tipo de contaminação biológica no trabalho, todos afirmam que conhecem colegas que já sofreu este evento adverso. Pela proximidade constante com os pacientes e por se sentirem mais vulneráveis a contaminações, os técnicos se tornaram mais informados e conscientes da importância do uso dos EPIs, adotando-os rotineiramente em suas práticas. No entanto durante a pandemia, o medo da contaminação persistiu como uma parte significativa de seu cotidiano, apesar do conhecimento da sensibilização sobre a importância dos equipamentos e do seu uso permanente no cuidado a todos os pacientes. Além do fornecimento de EPIs de qualidade, o treinamento no trabalho, com informações sobre os padrões recomendados, bem como a cobrança por sua utilização, é um fator de essencial importância para a segurança laboral. Ademais, as pandemias deixam na memória o medo e também a importância do uso de EPIs COMO ferramentas cruciais para o enfrentamento de crises sanitárias.

Palavras-chave: Equipamentos de Proteção Individual. Pandemias. Epidemias. COVID-19.

1 INTRODUÇÃO

As epidemias e pandemias têm afetado a dinâmica social mundial, no percurso histórico da humanidade, mas sem dúvida, a área da saúde é a mais afetada em função dos adoecimentos e mortes causados pelos diferentes vírus ocasionadores de diferentes doenças com características pandêmicas comprometendo o processo de trabalho dos profissionais de saúde e a saúde destes trabalhadores (Silva et al, 2021).

A pandemia da AIDS provocou transformações substanciais na incorporação de materiais descartáveis, bem como, a forma correta de descarte destes, e na incorporação dos equipamentos de proteção individual (EPI) na área da saúde (Ujvari, 2011).

O equipamento de proteção individual, comumente referido como EPI, é um artefato usado para minimizar a exposição a riscos que causem lesões e doenças graves no local de trabalho e que podem resultar do contato com riscos químicos, radiológicos, físicos, elétricos, mecânicos ou outros. O equipamento de proteção individual pode incluir itens como luvas, óculos e sapatos de segurança, tampões para os ouvidos ou agasalhos, capacetes, respiradores ou macacões, coletes e roupas de corpo inteiro, dependendo da atividade profissional (Fernandes, 2018).

Em 2020, com o advento da pandemia da COVID-19, a incorporação dos EPIs na área da saúde foi colocada à prova. Se por um lado, observou-se a escassez desses insumos em todo o mundo, em função do estrondoso aumento da demanda de pacientes contaminados, por outro, observou-se novas incorporações e diferentes orientações para uso e descarte, bem como, questionou-se a qualidade destes EPIs. Portanto, a pandemia da COVID-19 trouxe a necessidade de ressignificação dos EPIs na área da saúde, visto a sua importância como barreira física na proteção da saúde do trabalhador (Organização Mundial da Saúde, 2020).

De acordo com Roma et al. (2016), em todos os campos de trabalho, há uma série de riscos ocupacionais que colocam os indivíduos em risco. Entretanto, entre os profissionais de enfermagem (enfermeiros, técnicos e auxiliares), esses riscos são excepcionalmente altos, independentemente do tipo de local em que atuem, sendo uma das ocupações perigosas, em que se encontram quatro vezes mais vulneráveis do que outras profissões. Constituindo a maior categoria de profissionais de saúde, têm um papel crítico no sistema de prestação de cuidados. Entretanto, são vítimas constantes de riscos ocupacionais, dentre os quais os biológicos, decorrentes da exposição a agentes infecciosos, de contatos químicos, perigos físicos, riscos ergonômicos, ataques e espancamentos e efeitos negativos de fatores psicossociais e organizacionais.

Entre os profissionais da saúde, o contato humano-humano é conhecido por ser o elemento-chave da transmissão e disseminação de agentes microbianos. O transporte e tratamento de pacientes

pode colocar esses profissionais em risco de exposições ocupacionais a materiais de todos os tipos. Assim, a utilização do EPI adequado é essencial para que desempenhem suas funções, fornecendo cuidado e protegendo a si mesmos e as instalações em que trabalham (Fernandes, 2018).

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) anunciou que a doença do coronavírus 19 (COVID-19), causada pela síndrome respiratória aguda grave causada pelo coronavírus 2 (SARS-COV2), era oficialmente uma pandemia, depois de atingir 114 países em três meses e infectar mais de 118.000 pessoas. A doença é causada pelo SARS-CoV-2, uma nova cepa de coronavírus que não havia sido encontrada anteriormente em pessoas e se espalha através de gotículas no ar produzidas quando uma pessoa infectada tosse ou espirra (Almico, Goodwin, Saraiva, 2020).

Sem dúvida, os profissionais de saúde foram os mais afetados, quando analisados sob a ótica da proteção da saúde do trabalhador, a partir das barreiras físicas promovidas pelos EPIs. Dentre os profissionais da saúde, a enfermagem por suas características de assistência à beira do leito por turnos interruptos foi a mais afetada, quando analisamos o número de contaminados e mortos no âmbito da área da saúde.

Dos profissionais de saúde envolvidos nos cuidados aos infectados pelo SARS-CoV-2, nenhum esteve mais presente na linha de frente da crise do que os profissionais de enfermagem e nenhum outro profissional passou mais tempo dentro dessas zonas de infecção cuidando dos pacientes. A pandemia da COVID-19 levou à intensificação do trabalho nos hospitais, bem como aumentou as preocupações com a biossegurança, levando a uma maior conscientização e mudanças importantes nos processos de trabalho da enfermagem.

Durante a pandemia, a escassez de recursos, ausência de conhecimento sobre o vírus, controvérsias sobre o tratamento e principalmente a escassez de EPIs agravaram ainda mais esse problema. Embora as vacinas tenham reduzido o número de casos, ainda restam dúvidas sobre novas variantes da doença, quanto tempo duram as vacinas e o quanto protegem as pessoas de transmitir o vírus umas às outras. Assim, a sensibilização da equipe de enfermagem sobre a utilização de EPIs é de grande relevância, sendo importante analisar as concepções desses profissionais sobre esta temática.

Nesse contexto, este estudo tem por objetivo descrever as percepções dos técnicos de uma equipe de enfermagem quanto à incorporação dos equipamentos de proteção individual na saúde no contexto pandêmico.

2 MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, realizado por meio de entrevistas com os técnicos de enfermagem que atuaram desde o período inicial da pandemia da COVID-19, em 2020.

O estudo foi realizado no Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Vitória, localizado na cidade de Vitória, no estado do Espírito Santo, Brasil. Este é um hospital geral, de caráter filantrópico, que agrega atividades de ensino, pesquisa e assistência.

Participaram da pesquisa 16 técnicos de enfermagem que atuam no Hospital Santa Casa de Misericórdia de Vitória, em todos os setores.

A escolha dos participantes foi realizada por indicação do setor de recursos humanos da instituição, em função do tempo de serviço. Foram incluídos os técnicos de enfermagem maiores de 18 anos que atuam na instituição desde o período inicial da pandemia, em 2020.

Foram excluídos da seleção do estudo os técnicos de enfermagem que estavam de férias ou afastados do serviço por quaisquer outros motivos durante a coleta de dados ou que iniciaram suas funções na instituição a partir de 2021, por estes não terem atuado no período mais crítico da pandemia da COVID-19.

2.1 INSTRUMENTO PARA COLETA DOS DADOS

Os dados foram coletados a partir de entrevista, seguindo um roteiro de perguntas abertas, cujo objetivo foi estimular o participante a falar sobre a sua visão relativa ao objeto da pesquisa. O instrumento conta com duas partes: a primeira, que tem por finalidade a caracterização sociodemográfica dos participantes, e a segunda, composta por questões abertas, onde se buscou identificar o conhecimento e utilização dos EPIs pelos profissionais, bem como a disponibilidade dos mesmos pela instituição e as possíveis mudanças trazidas pelas pandemias.

As entrevistas foram agendadas previamente e realizadas em local reservado, seguindo o elenco de perguntas, no mês de setembro de 2022. Os depoimentos dos participantes foram gravados e depois transcritos. Os depoentes foram convidados a participar da pesquisa e, após serem esclarecidos sobre o objetivo da mesma, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

2.2 ANÁLISE DOS DADOS

Os resultados foram analisados por meio de análise de conteúdo, que objetiva ponderar sobre o que foi dito nas entrevistas, escrito nos instrumentos de pesquisa ou observado pelo pesquisador, a fim de realizar inferências do texto produzido para o seu contexto social.

Para verificar as palavras mais citadas em relação à memória dos profissionais sobre a pandemia foi utilizada a nuvem de palavras elaboradas por meio do gerador de nuvens de palavra Wordart, que pode ser acessado em: <https://wordart.com/create>.

2.3 ASPECTOS ÉTICOS

Comitê de Ética em Pesquisa da Escola Superior de Ciências da Santa Casa de Misericórdia de Vitória – EMESCAN, tendo sido aprovado por meio do Parecer nº 5.137.340. O estudo respeitou as diretrizes e critérios estabelecidos na Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), seguindo os preceitos éticos estabelecidos, no que se refere a zelar pela legitimidade das informações, privacidade e sigilo das informações.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Participaram da pesquisa 16 técnicos de enfermagem, sendo que destes os de sexo feminino foi predominante, com maior percentual de negros e pardos e somente dois profissionais possuem ensino superior, enquanto os demais têm o ensino médio completo. A média de idade foi de 38,9 anos, com tempo médio de formação de 9,1 anos, tempo de serviço de 8,4 anos e renda mensal de 1,9 salários mínimos.

Em relação ao perfil da amostra, os dados desta pesquisa coincidem com levantamento feito por (Portela, Reis, Lima, 2022), que descrevem como característica da força de trabalho em saúde a predominância de 70% do sexo feminino, a baixa remuneração, que leva estes profissionais a terem mais de um emprego e/ou prolongamento das jornadas, como forma de compensar o trabalho precário.

Ao serem solicitados a enumerar as principais atividades que realizam no dia a dia e que os colocam em risco, indagando-se, ainda, como fazem para se proteger, constatou-se que o banho e a administração de medicamentos foram as ações mais citadas. Quanto às ações de autoproteção, somente um profissional citou a utilização de EPIs, enquanto os demais não responderam.

As funções descritas por um dos entrevistados são:

Encaminhar os pacientes para o banho, troca das roupas de cama, fazer medicamentos prescritos, controle dos sinais vitais, dar comida na boca quando necessário, entre outros cuidados que temos que prestar aos pacientes.

Quanto às funções do ambiente de trabalho, constatou-se que os profissionais realizam o cuidado direto ao paciente, executando funções básicas e, por isso mesmo, são os que estão mais diretamente vulneráveis a acidentes. De acordo com Cucolo, Perroca, 2010), o sistema de saúde brasileiro passou por grandes mudanças para a contenção de gastos e algumas tendências são aparentes

dentro da estrutura e organização dos hospitais em todo o país, como resultado dessas reformas, dentre as quais a redução geral do pessoal hospitalar e a organização das funções de enfermagem, que geralmente inclui a redução do número de enfermeiros e o correspondente aumento de técnicos e auxiliares de enfermagem confirmam esta conjuntura, ao afirmarem que o Brasil possui 611.133 enfermeiros e um contingente de 1.867.433 auxiliares e técnicos de enfermagem.

Os técnicos e auxiliares de enfermagem são um grupo regulamentado de trabalhadores cujas funções são prestar cuidados básicos de enfermagem aos pacientes. Estes profissionais podem realizar uma variedade de tarefas, enquanto a natureza do trabalho dos enfermeiros graduados inclui atividades de cuidado com maior grau de complexidade, bem como a coordenação e supervisão de cuidados, deixando menos tempo para esses cuidados básicos ao paciente (Castilho et al., 2010).

Perguntados se já sofreram alguma contaminação biológica no trabalho ou conhecem algum colega que se contaminou executando suas funções, 11 profissionais nunca sofreram qualquer tipo de contaminação biológica no trabalho, entretanto, todos conhecem algum colega que já sofreu este evento adverso. De acordo com um entrevistado:

Eu nunca me acidentei, mas conheço colegas que acidentaram, foram encaminhadas para o laboratório, feito os exames e tomaram medicamentos.

Outro afirmou que:

No início da minha profissão eu me perfurei com agulha ao realizar uma punção, foi realizado todos os exames tanto em mim quanto no paciente, foi preenchido a CAT, não foi preciso tomar o coquetel.

Na concepção de Tibães e colaboradores (2014), os trabalhadores da saúde são considerados os profissionais mais vulneráveis a risco biológico, pois estão expostos à população de pacientes, cuja prevalência pode diferir significativamente ao da população em geral. Todos os anos, centenas de profissionais de saúde estão expostos a vírus perigosos, como hepatite (principalmente B e C) e HIV, quando feridos por agulhas e outros objetos perfurocortantes.

Riscos biológicos referem-se à presença de agentes microbianos no ambiente de trabalho, incluindo bactérias, vírus, fungos e parasitas, que podem ser transmitidos a outros indivíduos através do contato com pacientes infectados ou secreções/fluidos corporais contaminados, que podem causar doenças ocupacionais. Esses agentes são considerados ocupacionais, porque podem ser afetados por exposição direta no trabalho (Moura et al., 2021). Dentre os profissionais de saúde, a enfermagem está em maior risco de exposição e transmissão de doenças infecciosas.

Em relação ao conhecimento dos profissionais sobre os EPIs, primeiramente foram solicitados a falar o que sabem o seu surgimento na saúde e se sempre receberam ou recebem os EPIs para fazer

as suas atividades. Também foram solicitados a relatar como foi este fornecimento ao longo da pandemia da COVID-19.

Tabela 1 – Conhecimento dos profissionais sobre o surgimento e fornecimento dos EPIS.

Conhecimento sobre o surgimento dos EPIS	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Possui	1	6,3
Não possui	15	93,7
Recebimento de orientações sobre o uso de EPIS		
Sim	5	31,2
Não	0	0
Não respondeu	11	68,8
Fornecimento de EPIS ao longo da pandemia da COVID-19 pela instituição		
Sim	16	100
Não	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste estudo, apesar de desconhecerem a história dos EPIS, os profissionais afirmaram que recebem e receberam estes equipamentos ao longo de sua vida profissional, mesmo no período inicial da pandemia, quando a escassez era evidente em todo o mundo. Quanto ao recebimento de orientações, sobre o uso dos EPIS, 11 não responderam. Relato de um entrevistado afirma que:

Sobre o surgimento dos EPIS, não me lembro da história, sempre recebi os equipamentos de proteção tanto aqui quanto outros hospitais que já trabalhei, na pandemia os equipamentos foram controlados, principalmente o uso das máscaras, agora está tudo bem, tudo normalizado.

Muitos hospitais relataram escassez de EPIS, o que levou ao uso de equipamentos de baixa qualidade ou à sua reutilização em pacientes com e sem COVID-19. Segundo Moura et al. (2021), um terço das mortes ocasionadas pela COVID-19 nos profissionais de enfermagem ocorreram no Brasil, o que demonstra que as instituições hospitalares sofreram com escassez de EPIS, bem como falta de conhecimentos sobre o seu uso. Aliado a estes problemas, os autores ainda ressaltam que parte dos profissionais, apesar do conhecimento, não adotam as medidas de precaução necessárias. Um grande choque de demanda desencadeado pelas necessidades do sistema de saúde, bem como o comportamento de pânico do mercado, esgotou os estoques de EPIS. Além disso, grandes interrupções na cadeia de fornecimento global, haja vista a China ser o maior fabricante de máscaras, por exemplo, e sua produção se voltou ao consumo interno, pois era o epicentro da pandemia, causaram uma forte redução nos EPI exportados para os países (Miranda, 2020).

Perguntados se conhecem a Norma Regulamentadora dos EPIS na área da saúde e solicitados a falar sobre ela, as respostas dos profissionais estão apresentadas na tabela 2.

Tabela 2 – Conhecimento dos profissionais sobre a Norma Regulamentadora dos EPIs.

Conhecimento sobre a Norma Regulamentadora dos EPIs	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Conhece	9	56,2
Não conhece	3	18,7
Conhece pouco	4	25,1

Fonte: Elaborado pelo autor.

Neste estudo, constatou-se que a instituição oferece capacitação sobre as medidas de proteção contidas na Norma Regulamentadora 32 e somente três afirmaram desconhecer o seu conteúdo. De acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2020), a legislação de saúde e segurança do trabalho determina que os empregadores têm o dever de garantir que as avaliações de risco sejam realizadas e medidas de controle implementadas para reduzir o risco de danos aos funcionários e pacientes. A hierarquia de controles deve ser priorizada e usada para orientar a prática segura no local de trabalho. Essa hierarquia contém vários controles de risco para avaliar e gerenciar o uso de EPIs e (no caso de gerenciamento de SARS-Co-V2) inclui ações como isolamento de pacientes suspeitos ou conhecidos de COVID-19, sistemas seguros de trabalho, fornecimento de políticas, educação/treinamento e, finalmente, o uso de EPIs.

Todo empregador deve assegurar que seja fornecido EPI adequado aos profissionais que possam estar expostos a um risco para sua saúde ou segurança durante o trabalho e também devem oferecer treinamento em seu uso. Os profissionais devem ter o equipamento prontamente disponível, ou pelo menos ter instruções claras sobre onde podem obtê-lo (Loro et al., 2014).

Indagados sobre como ocorre a proteção em relação à contaminação por HIV e a que riscos já foram submetidos, as respostas dos profissionais estão apresentadas na tabela 3.

Tabela 3 – Conhecimento dos profissionais sobre a proteção à contaminação pelo HIV e os riscos a que já foram submetidos.

Conhecimento sobre a proteção à contaminação pelo HIV	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Uso de luvas	16	100,0
Uso de máscaras de proteção	16	100,0
Óculos de proteção	5	31,2
Descarte correto de materiais	2	12,5
Lavagem das mãos	1	6,2
Capote	1	6,2
Percepção dos riscos biológicos, de acidentes, etc		
Uso do EPI no cuidado a todos os pacientes	9	56,3
Não relatou	7	43,7

Fonte: Elaborado pelo autor.

Relacionado à prevenção e utilização dos EPIs no cuidado ao paciente soropositivo para HIV, os profissionais demonstraram estar conscientes. Os profissionais da enfermagem são considerados o

grupo de maior risco de acidentes perfurocortantes, em comparação com outros profissionais dos serviços de saúde. Assim, esses profissionais enfrentam muitos desafios, incluindo a exposição ao vírus da imunodeficiência humana (HIV), enquanto prestam cuidados. Segundo a Organização mundial de Saúde (2018), o HIV está entre as dez principais causas de morte em todo o mundo e uma das medidas mais essenciais utilizadas para controlar a sua disseminação no ambiente de saúde é a aplicação das precauções padrão.

A exposição pode ser melhor controlada por medidas organizacionais que minimizem a exposição a fluidos corporais contaminados ou pacientes infectados. A medida preventiva mais importante é a organização adequada do hospital para evitar contato sem a devida proteção dos EPIs e, uma vez implementada, a principal estratégia para reduzir a exposição física a doenças altamente infecciosas é por meio do uso dos EPIs, evitando que a pele e as mucosas sejam contaminadas (Oliveira et al., 2021).

Os profissionais foram solicitados a relatar se observaram alguma mudança relacionada aos EPIs no contexto da COVID-19 e a que riscos foram submetidos. As respostas estão apresentadas na tabela 4.

Tabela 4 – Mudanças observadas pelos técnicos de enfermagem no uso de EPIs durante a pandemia da COVID-19.

Mudanças observadas no uso de EPIs durante a pandemia da COVID-19	Frequência absoluta (n)	Frequência relativa (%)
Maior cobrança para o uso	7	43,7
Aumento dos tipos de EPIs utilizados	6	37,5
Maior orientação sobre o uso	5	31,2
Uso de máscaras com mais frequência	4	25,1
Maior disponibilidade de EPIs	4	25,1
Capotes mais reforçados	2	12,5
Orientações sobre paramentação e desparamentação	2	12,5
Melhoria na qualidade dos equipamentos	1	6,2
Não percebeu mudanças	1	6,2

Fonte: Elaborado pelo autor.

Constatou-se que as maiores mudanças, na visão dos profissionais entrevistados dizem respeito a uma maior cobrança do uso de EPIs e aumento dos tipos de EPIs utilizados no cuidado aos pacientes. Para melhorar a segurança dos profissionais de enfermagem no local de trabalho, especialmente no cuidado de pacientes com pacientes HIV e AIDS, é necessário controle que inclui treinamento, fornecimento de EPIs e implementação de práticas de trabalho seguras. As práticas seguras devem incluir a correta lavagem das mãos, uso correto dos EPIs, gestão de equipamentos médicos, gerenciamento de agulhas e objetos cortantes e gestão dos resíduos (Pereira et al., 2015).

Os participantes deste estudo sentiram que as mudanças percebidas foram fundamentadas em medidas de segurança, com orientações voltadas ao risco de exposição e ao uso e retirada corretos dos EPIs. Nas instituições a priorização de EPI para os profissionais de saúde tenha contribuído para reduzir as taxas de mortalidade (Humerez, Ohl, Silva, 2020).

Ao serem solicitados a dizer o que vinha em sua memória quando se fala em EPIs e pandemias, optou-se por apresentar as respostas em uma nuvem de palavras, como apresentado na figura 1.

Figura 1 – Nuvem de palavras sobre as palavras mais citadas em relação à memória dos profissionais sobre a pandemia.



Fonte: Elaborado pelo autor

Constatou-se que as palavras mais citadas foram máscaras, pandemia, uso de EPIs, coronavírus e medo. Segundo relatos dos entrevistados: “Pandemia vem o medo”. Em relação aos EPIs, “vem o uso das máscaras de proteção”; e a sensação de que “a pandemia da Covid ainda está presente no nosso meio”.

Em relação ao sentimento de medo, relatado pela quase totalidade da amostra, o medo de ser infectado pela COVID-19 foi descrito por muitos e, para Pappa et al. (2020), esse medo causou ansiedade, sintomas de estresse e esgotamento. Muitos que tiveram contato com a COVID-19 em seu ambiente de trabalho mostraram níveis elevados de exaustão emocional. Além disso, os autores ainda relatam que uma maior porcentagem de horas de trabalho gastas em contato próximo com pacientes com COVID-19 foi associada a níveis mais elevados de depressão, ansiedade e Burnout.

Uma porcentagem considerável de profissionais de enfermagem desenvolveu sintomas, em particular sentimento de tristeza, ansiedade, depressão e estresse e baixa qualidade de vida. Certos

estressores foram a complexidade dos sintomas dos pacientes com COVID-19, levando-os a se sentirem despreparados para a pandemia (Prado et al., 2020).

Preocupações com o agravamento de doenças pré-existentes, condições de saúde mental, insatisfação no trabalho e preocupações em contrair a doença foram fatores associados ao sofrimento emocional moderado a grave. Os trabalhadores de saúde que foram diagnosticados com COVID-19 relataram níveis mais altos de sintomas depressivos, ansiedade e esgotamento (Agência nacional de vigilância sanitária, 2020).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se analisar as percepções dos profissionais quanto à incorporação dos equipamentos de proteção individual na saúde no contexto das pandemias, constatou-se que, por atuarem por mais tempo junto aos pacientes e, por isso, se sentirem mais vulneráveis a contaminações, esses profissionais se tornaram mais informados e conscientes sobre a importância dos EPIs, reconhecendo-os como elementos essenciais para reduzir o risco de contaminação.

Constatou-se que os EPIs foram disponibilizados de forma consistente ao longo da pandemia e que os participantes notaram melhorias na qualidade dos equipamentos. Entretanto, apesar do conhecimento, da conscientização da importância dos equipamentos e do seu uso permanente no cuidado a todos os pacientes, o medo de se contaminar fez e faz parte do cotidiano de trabalho de todos os participantes desta pesquisa.

Esses achados destacam a importância não só do fornecimento adequado de EPIs, mas também de programas contínuos de treinamento e supervisão, que reforcem as práticas de uso seguro dos equipamentos e promovam uma cultura de segurança no ambiente hospitalar. Investimentos em capacitação e em condições de trabalho mais seguras são fundamentais para garantir a proteção dos técnicos de enfermagem, contribuindo para um ambiente de cuidado mais seguro e resiliente frente a crises sanitárias futuras.

AGRADECIMENTOS

A presente publicação não recebeu nenhum financiamento externo. Todas as atividades e materiais desenvolvidos foram realizados com recursos próprios e pelo envolvimento dos envolvidos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE VIGILÂNCIA SANITÁRIA (ANVISA). Nota técnica GVIMS/GGTES/ANVISA nº 04/2020: Orientações para serviços de saúde: medidas de prevenção e controle que devem ser adotadas durante a assistência aos casos suspeitos ou confirmados de infecção pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2). Brasília: ANVISA; 2020.

ALMICO, Rita de Cássia da Silva; GOODWIN JR, James William; SARAIVA, Luiz Fernando. Na saúde e na doença: história, crises e epidemias: reflexões da história econômica na época da COVID-19. São Paulo: *Hucitec*; 2020.

CASTILHO, Valeria *et al.* Gerenciamento de custos nos serviços de enfermagem. In: Kurciant P, Coord. Gerenciamento em enfermagem. *Guanabara Koogan*, Rio de Janeiro, 2. ed. 169-180. 2010.

CUCOLO, Danielle Fabiana; PERROCA, Márcia Galan. Reestruturação do quadro de pessoal de enfermagem e seu impacto sobre as horas de assistência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 18, n. 2, p. 175–181, 2010.

FERNANDES, Iara Santos. Segurança do trabalho: a importância do EPI [monografia]. Belo Horizonte: Faculdade Pitágoras; 2018.

HUMEREZ, Dorisdaia Carvalho de; OHL, Rosali Isabel Barduchi; SILVA, Manoel Carlos Neri da. Saúde Mental dos Profissionais de Enfermagem do Brasil no Contexto da Pandemia COVID-19: Ação Do Conselho Federal De Enfermagem. *Cogitare Enfermagem*, v. 25, 2020.

LORO, Marli Maria *et al.* Riscos ocupacionais e a saúde do trabalhador de enfermagem – buscando evidências. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, vol. 6 (4): 1610-1621. 2014

MIRANDA, Fernanda Moura D’Almeida *et al.* Working conditions and the impact on the health of the nursing professionals in the context of COVID-19. *Cogitare Enfermagem*, 25, 1-8. 2020;.

MOURA, Maria Sauanna Sany de *et al.* Knowledge and use of personal protective equipment by nursing professionals during the Covid-19 pandemic. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 55, p. e20210125, 2021.

OLIVEIRA, Denize Cristina de *et al.* Atividades desenvolvidas pela equipe de enfermagem no contexto do HIV/AIDS no Brasil. *Research, Society and Development*. 10 (15):1-14. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). HIV/AIDS; 2018. Disponível em: https://www.who.int/health-topics/hiv-aids/#tab=tab_1. Acesso em: 8 out. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Rational use of personal protective equipment (PPE) for coronavirus disease (COVID-19); 2020. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/331498/WHO-2019-nCoV-IPCPPE_use-2020.2-eng.pdf.

PAPPA, Sofia *et al.* Prevalence of depression, anxiety, and insomnia among healthcare workers during the COVID-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Brain, behavior, and immunity*, vol. 88. 2020.

PEREIRA, Fabiani Weiss *et al.* Transformação das práticas profissionais de cuidado diante da AIDS: representações sociais dos profissionais de saúde. *Revista Enfermagem UERJ*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 455–460, 2015.

Pereira, FW, Fonseca AD, Oliveira DC, Marques SC. Transformação das práticas profissionais de cuidado diante da AIDS: representações sociais dos profissionais de saúde. *Rev enferm UERJ*. 2015; 23(4): 455-460.

PORTELA, Margareth Crisóstomo; REIS, Lenice Gnocchi da Costa; LIMA, Sheyla Maria Lemos. Os profissionais da saúde e a pandemia de COVID-19. In: Covid-19: desafios para a organização e repercussões nos sistemas e serviços de saúde [online]. Rio de Janeiro: 282-371. *Editora Fiocruz*, 2022.

PRADO, Amanda Dornelas *et al.* A saúde mental dos profissionais de saúde frente à pandemia do COVID-19: uma revisão integrativa. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, n. 46, p. e4128. 2020.

ROMA, Elisângela Vicente Cavalcante *et al.* Riscos ocupacionais da equipe de enfermagem durante o atendimento de urgência. *Rev. Ciênc. Saúde*. 96-104, 2016.

SILVA, Leandro Andrade *et al.* Pandemias e suas repercussões sociais ao longo da história associado ao novo SARSCOV-2: um estudo de revisão. *Research, Society and Development* [Internet]. 2021 [acesso 2023 nov 19]; 10 (3):1-12. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/13783>.

TIBÃES, Hanna Beatriz Bacelar; TAKESHITA, Isabela Mie; ROCHA Adelaide de Mattia. Acidentes de Trabalho por Exposição a Contaminação por Material Biológico de Hepatites Virais “B” e “C” em uma Capital Brasileira. *Doenças Ocupacionais e Medicina Ambiental*, Vol.2. 2014.

UJVARI, Stefan Cunha. Pandemias: a humanidade em risco. São Paulo: *Contexto*; 2011.